

Autonomia popular e socialismo democrático no pensamento político de Rosa Luxemburgo

Tatiana de Macedo Soares Rotolo¹

Resumo: Este texto busca abordar o pensamento de Rosa Luxemburgo a partir da idéia fundamental que sustenta toda sua concepção de política: a noção de que a participação ativa das massas é a base de qualquer processo político e é essencial nos processos revolucionários. Esta idéia nos encaminha para a compreensão da política em Rosa Luxemburgo como aquisição de autonomia popular e é também o cerne de suas idéias acerca de um modelo de socialismo democrático, atravessando sua obra como um todo e repercutindo, até os dias de hoje, na dinâmica política de muitos movimentos sociais e em partes da esquerda contemporâneos.

Palavras-chave: socialismo – marxismo – autonomia popular – revolução.

*As massas devem aprender a exercer o
poder no próprio exercício do poder; não
existe nenhuma outra forma de lhes
ensinar essa arte.
(Rosa Luxemburgo)*

1. Ação de massas, revolução e socialismo

Rosa Luxemburgo deixou um legado político vasto e inspirador. A marca principal de suas idéias é a noção de que a vida pública ativa,

¹ Mestre em Filosofia pela USP. E-mail: tatiroto@ig.com.br

fundada no debate e na liberdade de expressão, é fundamental para o sucesso de qualquer projeto revolucionário. Esta idéia atravessa sua obra política como um todo e aparece de diversas formas. A defesa da greve de massas em 1906, as críticas à concepção de Lênin sobre a questão da organização, as críticas às posturas da social-democracia alemã, os questionamentos acerca dos rumos da Revolução Russa de 1917 e, por fim, a defesa dos conselhos de soldados e operários durante a Revolução Alemã de 1918, todos esses são exemplos do ideal democrático que perpassa as idéias de Luxemburgo. Esses exemplos carregam em si a idéia de que qualquer transformação social depende fundamentalmente da participação ativa e criativa das camadas populares. Num de seus panfletos mais importantes, Rosa escreve: “a massa do proletariado é chamada não só a fixar claramente o objetivo e a orientação da revolução, mas é preciso que ela mesma, passo a passo, através da sua própria atividade, dê vida ao socialismo” (Luxemburgo 8, p. 102).

A revolução, para Rosa, não depende somente da conquista do poder político. Diferentemente do que pensa Holloway, que afirma que para os revolucionários da II Internacional, o centro do projeto revolucionário “era realizar a revolução social por meio da conquista do poder político” (Holloway 2 p. 190), Rosa não via a tomada do poder como uma etapa fundamental, embora a considerasse um passo importante. Para ela, a revolução socialista só pode ser entendida como um projeto das massas, levado a cabo por elas. O poder político instituído pode e deve ser transformado de acordo com a vontade da massa, mesmo que, para isso, seja necessário subvertê-lo, transformando-o numa forma de poder mais adaptada aos desejos e às necessidades da massa. Rosa escreve: “A essência da sociedade socialista consiste no seguinte: a grande massa trabalhadora deixa de ser uma massa governada para viver ela mesma a vida política e econômica na sua totalidade e para orientá-la por uma autodeterminação consciente e livre” (Luxemburgo 8, p. 103).

A emancipação social, para Luxemburgo, é também um processo que proporciona a emancipação humana. Assim, o socialismo não é apenas um novo sistema no plano político, econômico e social, é novo também no plano moral. Deve-se aprender uma nova maneira de se administrar a produção, a esfera das decisões políticas e também a vida.

Ou seja, é preciso não só construir um novo poder, mas também um novo conjunto de valores capazes de orientar esta sociedade inteiramente nova que Rosa chama de socialista. Ao defender os conselhos de operários e soldados na Revolução Alemã de 1918, ela escreve:

As massas precisam aprender, de máquinas mortas que o capitalista instala no processo de produção, a tornar-se dirigentes autônomas desse processo, livres, que pensam. Devem adquirir o senso das responsabilidades, próprios dos membros atuantes da coletividade, (...) Precisam mostrar zelo sem o chicote do patrão, máximo rendimento sem o contramestre capitalista, disciplina sem sujeição e ordem sem dominação. (Luxemburgo 8, p. 102-103)

Rosa faz uma defesa apaixonada da ação das massas, seja essa ação organizada ou espontânea. Para ela, as massas trabalhadoras devem ser sempre o centro do processo revolucionário. Ela entende que a classe operária é o mesmo que o conjunto das massas oprimidas e que não pode haver revolução sem a ação dessas camadas populares. Essa participação deve ser a mais direta possível, desde a organização de novas células de produção até o compartilhamento do poder político. O socialismo “deve ser feito pelas massas, por cada proletário” (Luxemburgo 13, p. 333). Seu projeto socialista está, portanto, em consonância com a idéia de autonomia popular e com a de uma forma de poder construída a partir de baixo, cujas instituições sejam fruto das deliberações da massa.

A Revolução Russa de 1905 proporcionou à Rosa seu primeiro contato com uma experiência revolucionária de massas em larga escala. Sua participação neste movimento foi tão marcante que ela o descreveu numa carta como os dias mais felizes de sua vida (Luxemburgo 7, p. 168). Este movimento fez com que Rosa percebesse o quanto é poderosa a ação revolucionária de massas, mesmo que espontânea, sem uma direção partidária ou qualquer tipo de organização. Os acontecimentos russos de 1905 marcam, para Rosa, um modo inteiramente novo na luta dos trabalhadores. Ela escreve, “A Revolução Russa, pela primeira vez na história das lutas de classes, fez possível uma realização grandiosa da idéia

de greve de massas e inclusive (...) a greve geral abrindo assim uma nova época na evolução do movimento operário” (Luxemburgo 6, p. 11).

Esta novidade, segundo Luxemburgo, se manifestava na compreensão da luta revolucionária como algo que se aprende na prática, sem que haja necessariamente um plano preestabelecido, seja por um partido, por um sindicato ou por qualquer organização. Para ela, não há uma teoria acerca da ação que se aplique na prática, ao contrário, em se tratando da ação revolucionária, a prática ensina muito mais que o melhor dos manuais. A revolução não é algo pré-concebido que se aplica à realidade, nem existem receitas e métodos previamente estabelecidos. Ela é uma construção coletiva, fundada na participação maciça das camadas populares. Assim, as greves de massas de 1905 são a expressão de um movimento popular sedento por mudanças e uma forma embrionária da revolução. Para Rosa, “na realidade, não é a greve de massas a que gera a revolução, mas sim a revolução que gera a greve de massas” (Luxemburgo 6, p. 72).

A consciência de classe, segundo Luxemburgo, está profundamente ligada às experiências da prática. A revolução não é um processo *a priori*, ou seja, que depende somente das crises internas do capitalismo, é também produto da ação humana. “(...) na revolução, onde a massa mesma aparece sobre a cena política, a consciência de classe é prática e ativa” (Luxemburgo 6, p. 100). Nesse sentido, as experiências revolucionárias são fundamentais, pois estabelecem o contato de cada indivíduo participante do processo revolucionário com uma vasta gama de experiências políticas inteiramente novas. O aprendizado vindo da experiência na luta tem um caráter formador indispensável para Rosa. Assim, ela escreve sobre a Revolução de 1905:

O que aqui resulta mais valioso, porque fica assegurado no brusco refluxo da maré revolucionária, é o sedimento intelectual. O crescimento a saltos em inteligência e em civilização do proletariado, é uma garantia inquebrantável de seu irresistível progresso posterior na luta, tanto econômica como política. (Luxemburgo 6, p. 49)

Isso nos encaminha para outro ponto do pensamento de Luxemburgo: a idéia que as organizações dos trabalhadores devem ser a expressão dos desejos e das necessidades da massa, e a não de um grupo de revolucionários especialistas capazes de decidir as melhores táticas e estratégias para o movimento. Rosa repudia a idéia de vanguarda revolucionária, mas, ao mesmo tempo, encontra um lugar no seu pensamento para aqueles que se dedicam exclusivamente à causa revolucionária.

Segundo ela, cabe ao partido e as organizações revolucionárias,

(...) dar a palavra de ordem da luta, em orientá-la, em regular a tática da luta política de tal modo que, em cada fase e a cada instante do combate, seja realizada e posta em ação a totalidade da força do proletariado, já decidido e lançado na batalha, e que esta força se exprima pela posição do partido na luta. (Luxemburgo 11, p. 145)

A direção exercida sobre a massa é, portanto, eminentemente técnica e se orienta por uma colaboração mútua. Não há, no pensamento de Luxemburgo, um partido que seja a vanguarda esclarecida do proletariado, pois se alguém é portador de alguma verdade, esse alguém é a própria massa.

Cabe ao partido apenas o papel de agitar, esclarecer, manter vivo o debate e apontar caminhos e soluções. Cabe à massa ser o sujeito histórico revolucionário. Ela é portadora do potencial transformador da sociedade. O partido, em sua prática política, não pode perder de vista o objetivo socialista e, ao mesmo tempo, não pode impor uma via de acesso mais correta para o socialismo. A idéia de vanguarda era repugnante para Rosa, pois limitava a criatividade das massas em relação às infinitas possibilidades de ação e, por conseguinte, podava também a capacidade da massa de aprender com a experiência.

Isso mostra que, para Rosa, a emancipação começa no movimento e não após a conquista do poder. A emancipação era impensável sem que antes fosse possível uma formação cultural ampla. A idéia de vanguarda esclarecida se chocava com o ideal libertador que significava o

socialismo, pois representava um meio de esclarecimento sob tutela. Assim, Schütrumpf escreve: “o proletariado devia adquirir consciência de suas tarefas pela prática vivida – pela experiência dos próprios êxitos e ainda mais das próprias derrotas – e se convencer assim da alternativa entre socialismo ou barbárie” (Schütrumpf 15, p. 45).

A educação política da massa deve caminhar, segundo Luxemburgo, para a autonomia, isto é, para a capacidade da massa oprimida decidir por si mesma sem que haja quaisquer instrumentos de repressão ou tutela. Uma postura centralizadora das organizações se choca diretamente com este ideal. Para Rosa:

Não é partindo da disciplina nele inculcada pelo Estado capitalista, com a mera transferência da batuta da mão da burguesia para a de um comitê central social-democrata, mas pela quebra, pelo estirpação desse espírito de disciplina servil, que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da social-democracia. (Luxemburgo 10, p. 45)

Porém, se Rosa critica a social-democracia russa por ser excessivamente centralista, ela também critica a social-democracia alemã (SPD) por suas políticas vacilantes. A opção do SPD² pela luta parlamentar e pelas reformas, faz perder de vista, segundo Rosa, o horizonte revolucionário, transformando a luta pelo socialismo numa luta pela melhora progressiva das condições de vida dos trabalhadores, feita no terreno parlamentar. De acordo com Rosa, “existe para a social-democracia um

2 O início da carreira de Rosa dentro do SPD, no fim do século XIX, coincide com o período de crescimento acentuado do partido. O número de votos nas eleições legislativas vinha aumentando progressivamente, fazendo com que o partido tivesse uma bancada parlamentar significativa. Além do forte apoio nas urnas, o SPD contava também com uma estrutura organizacional inédita num partido socialista. Possuía periódicos diários (sendo o principal deles o *Vorwärts*), contava com diretórios espalhados pelo país, além de congressos anuais que ocorriam de maneira democrática, com delegados eleitos nas bases do partido. Esta organização era fruto da direção, que se dedicava com esmero aos problemas de organização e desenvolvimento organizacional. Com isso o SPD conseguia conciliar seu objetivo de ser severamente organizado e relativamente democrático. Além disso, o partido aprendeu também a usar todas as possibilidades de luta, resistindo aos atos de violência insensatos e habituando-se a prática da tribuna do parlamento com local das discussões políticas. Todos esses fatores transformaram o SPD na maior organização de trabalhadores vista até então.

laço indissolúvel entre as reformas sociais e a revolução, sendo a luta pelas reformas o meio, mas a revolução social o fim” (Luxemburgo 12, p. 100). O problema desta opção, para Luxemburgo, é que ela apresenta barreiras à sua idéia de socialismo como emancipação humana. Ainda que reconheça as benesses das conquistas parlamentares, ela considera que, em algum momento, as contradições da sociedade capitalista se tornarão evidentes e indissolúveis. Assim, não se pode perder de vista a perspectiva revolucionária pois, nesse caso, toda política em prol das conquistas trabalhistas não se tornaria um meio para se efetivar um projeto maior: o da superação da sociedade de classes, mas somente um meio de alívio temporário do sofrimento da classe trabalhadora. Portanto, as reformas só fazem sentido como parte de um projeto mais amplo: o da revolução socialista. Esta dimensão maior da luta não estava mais no foco das lutas do SPD.

As críticas de Rosa ao revisionismo³ e sua defesa da revolução caminham nesse sentido. Rosa não desacredita completamente a via parlamentar e institucional, assim como a da democracia burguesa. É claro que, para ela, um modelo democrático institucional em funcionamento é melhor que uma ditadura e que as lutas parlamentares trazem uma série de benefícios aos trabalhadores. O problema é que este modelo é

3 O revisionismo era uma corrente teórica dentro do SPD que foi ganhando força ao longo dos anos. Seu principal teórico era Eduard Bernstein, que em 1889 publicou *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia*. Bernstein apresentava uma releitura da teoria de Marx, especialmente no que se refere às idéias deste acerca da falência do capitalismo devido às suas crises internas e à necessidade da revolução socialista. Este tipo de proposta só foi possível a Bernstein porque ele via as mudanças em decorrência do crescimento político do SPD. A esquerda alemã enfrentava naquele momento um fato inédito: os trabalhadores estavam conquistando uma série de demandas trabalhistas graças mais à sua luta sindical e parlamentar do que à luta revolucionária. Direitos como salário mínimo, jornada de trabalho justa (de 8 horas diárias), descanso semanal, férias etc. foram conquistados que se deram mais pelo caminho eleitoral do partido e pelas negociações dos sindicatos do que pela luta revolucionária nas ruas. Assim, propor que a saída possível para o socialismo seria dada pela luta parlamentar e por todas as vias legais não soava como um despropósito. A idéia de uma revolução pacífica, feita através da própria política vigente, não era novidade na Alemanha (já no século XVIII Kant propunha que a república fosse conduzida pelo governante, para evitar a selvageria e o derramamento de sangue, tais como aconteceram na França. Assim um governante bem esclarecido poderia conduzir a nação ao progresso sem os inconvenientes da luta revolucionária). Porém, num partido proletário, que abraçou as propostas de Marx e Engels, e que tinha em seus quadros muitos fiéis seguidores da revolução, esse conjunto de idéias provocou uma enorme controvérsia. O revisionismo encontrou uma grande inserção no partido, provocando a adesão de muitos militantes, mais por sua face prática, isto é, a política reformista, que pelo seu corpo de idéias.

limitado. A luta no terreno parlamentar apresenta barreiras que são reflexos das próprias barreiras de uma sociedade de classes. A democracia burguesa, que se exerce no parlamento, opera segundo as relações de dominância do mundo capitalista e, nesse sentido, a participação popular é parcial. A luta parlamentar é, portanto, restrita e falível, e reduz a luta dos trabalhadores segundo interesses alheios.

Com respeito a isso, Rosa propõe uma solução radical. Para ela não se pode democratizar a sociedade somente pelo parlamento. Em vez disso, se existe um projeto socialista, o parlamento deve ser transformado em favor desta luta. Rosa Luxemburgo não se opõe à democracia como um valor burguês. O termo democracia adquire um novo significado, possui um conteúdo mais social, para além dos limites criados à participação popular na democracia liberal. É uma democracia mais radical, que transfere para a massa, nas suas múltiplas formas de organização, todas as decisões políticas. Rosa escreve: “(...) ditadura de classe, isto significa que ela se exerce no mais amplo espaço público com a participação sem entraves, a mais ativa possível das massas populares, numa democracia sem limites” (Luxemburgo 9, p. 95). A democracia é um processo vivo que só se aprende na prática, quando a grande massa oprimida tem a oportunidade de tomar as decisões sobre o seu próprio destino. Quanto maior for a participação da massa na tomada das decisões políticas, mais democrática será a sociedade. Mesmo que, para tanto, seja necessário criar novas instituições, mais abertas à participação popular. A proposta de Rosa, em última instância, é uma tentativa de se universalizar a liberdade e igualdade que existem apenas formalmente na sociedade burguesa.

As críticas de Rosa à Revolução Russa de 1917⁴ seguem esta linha. Embora ela considerasse a Revolução de Outubro um fato sem precedentes na história das lutas revolucionárias,⁵ os rumos tomados pela revolução são alvo de seu olhar apurado.

Em sua avaliação, os bolcheviques cometeram um erro crucial ao se utilizarem do terror como meio de garantir o sucesso da revolução. Segundo ela, quanto mais os revolucionários fomentassem a participação popular, mais forte e mais sedimentada a revolução se tornaria no coração do povo russo. Quanto mais intensa a vida pública, maior a

capacidade das pessoas de se envolverem com os fatos revolucionários, o que seria a garantia do sucesso da empreitada de outubro, sem o recurso ao terror. Vivendo a revolução, o povo russo se torna revolucionário num processo que permite a mais ampla e irrestrita participação popular pois, ao participar das transformações políticas, cada indivíduo toma contato com um universo inteiramente novo e percebe o grau de importância das mudanças. A participação é formativa e sem uma formação prévia que caminhe no sentido da autonomia, as revoluções estarão fadadas ao terror. Rosa concorda com Hannah Arendt acerca da afirmação de que uma revolução fracassada ensina mais do que uma revolução deformada (Arendt 1, p. 41).

Ela escreve sobre os rumos da Revolução Bolchevique palavras que se tornariam proféticas:

A prática do socialismo exige uma transformação completa no espírito das massas, degradadas por séculos de dominação da classe burguesa. Instintos sociais em lugar dos instintos egoístas, iniciativa das massas em lugar da inércia, idealismo que faz superar os sofrimentos etc., etc. Ninguém o sabe melhor, nem o descreve mais convincentemente, nem o repete com mais obstinação do que Lênin. Só que ele se engana completamente quanto aos meios. Decretos, poder ditatorial dos contramestres, punições draconianas, terror são apenas paliativos. O único caminho que leva ao

4 Rosa Luxemburgo foi a primeira a escrever uma análise densa, sob a perspectiva da esquerda, dos acontecimentos da Rússia de 1917. Em 1918 Rosa redigiu da prisão o famoso texto *A Revolução Russa*, em que elogia os russos pela sua coragem e pioneirismo em relação à revolução socialista, mas que, ao mesmo tempo, aponta erros cruciais cometidos pelo alto comando da revolução, que podem comprometer o sucesso da empreitada de outubro de 1917. O texto de Rosa só foi publicado quatro anos após a sua redação e três anos após seu assassinato. A demora na publicação se deve justamente ao teor das idéias proferidas por Rosa, que segundo Paul Levi, na época seu companheiro, poderiam dar margem à uma enxurrada de críticas conservadoras aos acontecimentos na Rússia. Sua publicação em 1922, feita por Levi, busca não só restabelecer o legado político de Rosa, mas principalmente fomentar a crítica às posturas que vinham sendo tomadas pelo Partido Comunista Alemão (KPD), adotando uma posição cada vez mais autoritária, segundo os moldes bolcheviques, que é o oposto do que Rosa pensava.

5 Logo na primeira linha de *A Revolução Russa*, Rosa escreve: “A Revolução Russa é o fato mais prodigioso da guerra mundial” (Luxemburgo 9, p. 61).

renascimento é a própria escola da vida pública, a mais ampla e irrestrita democracia, a opinião pública. É justamente o terror que desmoraliza. (Luxemburgo 9, p. 92-93)

Assim, Rosa repreende os bolcheviques justamente por não fazerem da liberdade um princípio válido para todos, afirmando, numa de suas passagens mais famosas:

Liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam – não é liberdade. *Liberdade é sempre liberdade daquele que pensa de modo diferente.* Não é por fanatismo da justiça, mas porque tudo quanto há de vivificante, de salutar, de purificante na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a “liberdade” se torna privilégio. (Luxemburgo 9, p. 91)

Ao viver os acontecimentos da Revolução Alemã de 1918, a proposta socialista de Rosa torna-se mais concreta. Rosa presenciou o nascimento de uma forma revolucionária inteiramente nova: os conselhos populares.⁶ Ela percebeu o potencial revolucionário deste tipo de organização e viu ali uma saída viável para o socialismo.

Para Luxemburgo, os conselhos de operários e soldados que se formaram espontaneamente em 1918,⁷ pouco antes do fim da guerra, representavam uma estrutura política absolutamente inovadora. Eles seriam capazes de reorganizar a política a partir de baixo. Eram um retrato da idéia de Luxemburgo do socialismo democrático. O poder nos

6 Os conselhos não foram invenção dos revolucionários alemães. Antes de tudo, são manifestações revolucionárias que somente tomam forma no calor da revolução. Assim ocorreu com as sociedades populares na Revolução Francesa (que foi o primeiro germe dos conselhos), com a Comuna de Paris em 1871, com os sovietes (a palavra “soviete” em russo quer dizer conselho) em 1905 e após, em 1917, ou com os conselhos de operários e soldados (COS) durante a Revolução Alemã.

7 A participação de Rosa nos acontecimentos da Revolução Alemã foi breve, porém intensa. Ela foi presa e brutalmente assassinada em 15 de janeiro 1919. Seus textos desse período, todos escritos no calor dos acontecimentos, refletem a coerência dela com as idéias desenvolvidas ao longo da vida. Rosa em nenhum momento deixa de acreditar no poder das massas como o único capaz de garantir o sucesso da Revolução, daí sua defesa insistente dos conselhos.

conselhos é exercido somente pelas massas, não havendo nenhuma estrutura exterior ou acima delas. Além disso, condensam as funções legislativas e executivas, que são exercidas conjuntamente pela coletividade. Com isso, segundo Loureiro, “é eliminada a separação entre dirigentes e dirigidos, base do autoritarismo, da burocracia, da dominação e da exploração” (Loureiro 3, p. 39-40). Os conselhos são, portanto, a materialização da idéia de democracia para Luxemburgo, já que o poder pertence inteiramente às massas.

Os conselhos são, desse modo, uma alternativa de controle do poder baseada na autogestão. Seu funcionamento requer um fórum permanente, seja de controle dos seus representantes, seja como o local onde são tomadas as decisões políticas. Assim, podemos dizer que os conselhos são órgãos que se propõem a substituir o poder vigente, que é baseado na supremacia do Estado. Buscam construir um novo tipo de relação com o poder, enraizado na participação popular maciça. Os conselhos não são, portanto, instrumento de transformação do poder, mas sim personificam um novo poder. Esta é a compreensão que Rosa teve ao ver os conselhos de operários e soldados (COS) em funcionamento em 1918.

No texto *O que quer a Liga Spartakus?*,⁸ escrito em dezembro de 1918, em meio à agitação revolucionária, Rosa deixa clara sua compreensão dos conselhos como substitutos legítimos da classe trabalhadora ao poder do estado burguês:

Assim, da cúpula do Estado à menor comunidade, a massa proletária precisa substituir os órgãos herdados da dominação burguesa: *Bundesrat* (Conselho Federal), parlamentos, conselhos municipais, pelos próprios órgãos de classe, os conselhos de operários e soldados. Precisa ocupar todos os postos, controlar todas as funções, aferir todas as necessidades do Estado, pelos próprios interesses de classe e pelas

8 Este texto, apesar de muito curto, é de importância crucial para compreendermos a concepção de socialismo democrático de Rosa. Nettl, principal biógrafo de Rosa, considera *O que quer a Liga Spartakus?* como “o conciso resumo da obra da sua vida” (Nettl 14, p. 554). Este trabalho, escrito no meio dos acontecimentos revolucionários, se tornou logo após o programa do Partido Comunista Alemão (KPD), fundado no fim do mês de dezembro de 1918.

tarefas socialistas. E só por uma influência recíproca constante, entre as massas populares e seus organismos, os conselhos de trabalhadores e de soldados, é que a atividade das massas pode insuflar ao Estado um espírito socialista. (Luxemburgo 8, p. 102)

Desse modo, os conselhos eram a face da revolução em curso na Alemanha. Além disso, eles possuíam um valor formativo essencial. Seu modo de operar estimula formas de administrar a vida humana, desde o abastecimento, a produção, o processo de se fazer as leis, até a administração da sociedade como um todo. Seu valor propedêutico reside em mostrar à massa valores que ou são negados ou são desvalorizados na sociedade capitalista. Por isso podiam ser entendidos como a encarnação da idéia de socialismo democrático.

2. O legado de Rosa e as lutas atuais

Dado esse percurso, podemos estabelecer uma relação entre as idéias de Rosa Luxemburgo e a conjuntura atual. As idéias desenvolvidas por nossa autora, há cem anos, ainda não se perderam no tempo. A construção de um modelo de socialismo democrático, por exemplo, continua sendo um tema que persegue e desafia as esquerdas ao longo de todo o século XX e nesses primórdios de século XXI.

A esquerda atual, profundamente marcada tanto pela dissolução do modelo de socialismo soviético como pela experiência do capitalismo neoliberal, distancia-se paulatinamente da idéia de conquistar o poder do Estado para, em seguida, tomar medidas socializantes. Ao contrário, assistimos hoje uma valorização dos movimentos sociais e uma crise dos partidos.⁹

Podemos ver hoje, nas reivindicações dos movimentos sociais, uma tendência a exigir novas formas de organização, em que as decisões

sejam tomadas de baixo para cima, a fim de atender uma pauta local. Ou seja, o poder é entendido hoje sob a perspectiva das necessidades dos pequenos grupos que estão à margem ou nas camadas mais inferiores da sociedade. Com isso, entende-se que, se o poder instituído não é capaz de atender as necessidades locais, é preciso, então, ao invés de mudar as reivindicações, mudar o poder, criando-se novas instituições, mais abertas e mais democráticas. Há, neste processo, uma retomada de, por exemplo, formas autogestionadas de exercícios do poder e surge a idéia de autonomia popular em função do poder instituído.

Neste processo, Rosa Luxemburgo é uma fonte inspiradora. Sua defesa da autonomia das massas frente a partidos hierárquicos e burocratizados, ou às estruturas de poder que reprimiam a vontade das massas, vem ao encontro da defesa atual de uma forma de exercício do poder mais voltada para os interesses das camadas populares. Segundo Loureiro,

para Luxemburg, assim como para os movimentos sociais de nossa época, é da participação dos de baixo que vem a esperança de mudar o mundo. Não apenas aos políticos profissionais – mesmo os de partidos de esquerda – está reservada a grande missão transformadora. (Loureiro 5, p. 37)

Assim, tanto para Rosa como para os movimentos populares atuais, a ação auto-emancipadora é fundamental e esta ação pode ser organizada ou espontânea, desde que levada a cabo pelas amplas massas populares. Assim, segundo Loureiro, “essa idéia, ainda que com modificações, está na base dos movimentos sociais contemporâneos que vêem, por exemplo, nos Fóruns Sociais Mundiais, a oportunidade de construir o que poderíamos chamar de um *espaço público popular*” (Loureiro 4, p. 36).

Portanto, assim como para Rosa Luxemburgo, para os movimentos populares de hoje a conquista do poder do Estado não é mais fator essencial para transformar a sociedade, embora ele possa ser útil na implementação de políticas que visem melhorar a vida dos

9 Fato que, em alguns casos, produziu reflexos políticos que vem sendo capazes de fazer a interface entre as reivindicações dos movimentos e as políticas do Estado. O melhor exemplo disso hoje é o governo de Evo Morales na Bolívia.

trabalhadores em geral. O fundamental, neste aspecto, é criar espaços públicos em que homens e mulheres tenham o poder de decidir de modo mais incisivo e direto o que querem para si, nem que para isso seja necessário subverter a ordem institucional do Estado vigente (como fazem os zapatistas, por exemplo), e desta maneira fazer da política um instrumento de transformação real, que não se limita apenas às políticas sociais do Estado. A emancipação das camadas populares só pode ser produto de sua própria ação, criando-se uma ordem política mais adaptada às suas necessidades. Esta idéia está na base da noção de democracia de Luxemburgo e também respalda muitas reivindicações dos movimentos sociais de hoje.

Em outras palavras, o laço comum mais forte entre as idéias sobre o socialismo de Rosa e os movimentos sociais contemporâneos é a noção de que, para se construir uma sociedade mais justa, é preciso criar um modelo democrático que vise a autonomia, ou seja, uma forma de organização política em que o poder é compartilhado com todos e não apenas com grupos cujos interesses econômicos e políticos sejam prioritários. Dessa maneira, as estruturas hierárquicas e autoritárias de poder, definição que inclui inúmeras organizações de esquerda, devem ser repensadas em favor de um modelo mais aberto e mais democrático.

Isso nos encaminha, enfim, para outra idéia de Luxemburgo: a de que o socialismo não pode ser construído por decretos, nem conduzido por uma minoria, mas sim por uma transformação radical guiada pela ação autônoma das massas. Esta idéia é a base do novo modelo de socialismo, mais humano e mais democrático, buscado por partes da esquerda atual, que não vêem mais no processo eleitoral, mesmo quando é disputado entre partidos de esquerda, a solução para mudar a sociedade.

Nesse sentido podemos interpretar a frase de Walter Jens: “a humanidade de nossa sociedade também poderá ser medida pelo grau em que honramos a herança de Rosa Luxemburgo” (*apud* Schütrumpf 15, p. 71).

Popular autonomy and democratic socialism in Rosa Luxemburg's political thought

Abstract: This work aims to approach Rosa Luxemburg's thought from the fundamental idea that sustains her entire political conception: the notion that the active participation of the masses in the foundation of any political process is essential to the revolutionary process. This idea leads to an understanding of Rosa Luxemburg's political advocations such as the acquisition of popular autonomy. It is also the center of her ideas about a model of democratic socialism, pervading her entire work and exerting its effect on the current political dynamics of many movements and sectors of the contemporary left.

Key-words: socialism – marxism – popular autonomy – revolution.

Bibliografia

1. ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
2. HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Viramundo, 2002.
3. LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
4. _____. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Ed. Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2004.
5. _____. *A Revolução Alemã (1918-1923)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
6. LUXEMBURGO, Rosa. *Huelga de Masas, Partido y Sindicatos*. Mexico/D.F.: Editorial Grijalbo, 1970.
7. _____. *Camarada e amante: cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
8. _____. O que quer a Liga Spartakus?. In: LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
9. _____. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.

10. _____. Questões de organização da social-democracia russa. In: LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis: Vozes, 1991.
11. _____. *A crise da social-democracia*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
12. _____. *Reforma ou Revolução?*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
13. _____. Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão (*Kommunistischen Partei Deutschlands*) de 30 de dezembro de 1918 a 1º de janeiro de 1919 em Berlim. In: LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Ed. Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2004.
14. NETTL, J. P. *Rosa Luxemburgo*. Mexico/D.F.: Ediciones Era, 1974.
15. SCHÜTRUMPT, Jörn (Org.). *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.